

UMA DISCUSSÃO TEXTUAL-DISCURSIVA SOBRE *MINEIRINHO*, DE CLARICE LISPECTOR

A DISCUSSION TEXTUAL-DISCURSIVE ABOUT “MINEIRINHO”, BY CLARICE LISPECTOR

Sílvia Maria Brandão
Carlos Eduardo da Silva Ferreira
UNESP

Resumo: Este artigo traz reflexões textual-discursivas a partir do conto *Mineirinho*, de Clarice Lispector. Discutiremos aspectos ligados à Linguística Textual e à Análise do Discurso, como a (i) coesão referencial (com ênfase nas referências de pessoa) e o (ii) gênero textual (crônica e/ou conto). A análise pautada nesses dois aspectos se explica pelo fato de esses estarem imbricados um ao outro e contribuírem, em conjunto, para uma compreensão do texto que pode ir além do nível do fio linguístico. Para tal, noções ligadas a intertextualidade, memória discursiva, dialogismo e heterogeneidade de discursos serão mobilizadas, visto que a interpretação de “Mineirinho” pode ser afetada, em diferentes níveis, se levado em conta, ou não, seu contexto de produção.

Palavras-chave: Contexto de produção; coesão referencial; gênero textual; Clarice Lispector; Mineirinho, heterogeneidade discursiva.

Abstract: This article brings textual-discursive reflections from the tale *Mineirinho*, by Clarice Lispector, discussing aspects related to Textual Linguistics and Discourse Analysis, such as (i) referential cohesion (with emphasis on the references of person), and (ii) textual genre (chronic and / or tale). The analysis based on these two aspects is explained by the fact that these are connected to one another and contribute both to an understanding of the text that can go beyond the level of the linguistic thread. For this, notions related to intertextuality, discursive memory, dialogism and heterogeneity of discourses will be mobilized, since the interpretation of "Mineirinho" can be affected, at different levels, whether or not its production context is taken into account.

Keywords: Production context; referential cohesion; textual genre; Clarice Lispector; Mineirinho, discursive heterogeneity.

INTRODUÇÃO

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos albeios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro (Carlos Alberto Faraco)

Partimos do pressuposto de que não há um único ser humano enquanto sujeito discursivo cuja condição de humanidade não advenha da sua interlocução com os demais, posto que sua existência é dotada de significados anteriormente predicados e marcada pelo modo como se posiciona ou se posicionará na continuidade dessa interlocução. Assim, é sabido que o dialogismo – “ciência das relações” – celebra a alteridade, a orientação de um “eu” a um “outro” (BAKHTIN, 2014, 2011), e constitui, por isso, a categoria primordial por meio da qual os pensadores russos/soviéticos relacionados ao Círculo de Bakhtin travavam debates sobre as relações sociais e culturais, sobretudo no que diz respeito à linguagem. Para o Círculo, linguagem é um produto vivo de interação social e das condições material-históricas de cada tempo. É *nela* e *por* ela que vamos nos constituindo como sujeitos.

É, pois, a partir dessa perspectiva que propomos trabalhar com *Mineirinho*, texto datado de 1962 e de autoria de Clarice Lispector (1920-1977). Tendo em vista que os discursos da/sobre a vida atravessam e estão atravessados pelos discursos da/sobre a arte, começemos por contextualizar o *corpus* analisado.

No começo da década de 1960, no Rio de Janeiro, um bandido com a alcunha de Mineirinho tirava a paz dos moradores da cidade: José Miranda Rosa (nome de nascimento de Mineirinho) foi por anos perseguido pela polícia do Rio de Janeiro até que, no dia 1º de maio de 1962, os policiais o capturaram em uma emboscada, alvejando o corpo do rapaz com treze tiros. Após esse episódio, Clarice Lispector publica em um jornal da época o texto “Mineirinho”, que se inicia com a seguinte passagem: “É, suponho que é em mim, como um dos representantes do nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora” (LISPECTOR, [s.d., n.p.]) e, em certa altura da descrição dos treze tiros que o mataram, Clarice escreve: “O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro” (LISPECTOR, [s.d., n.p.]).

A noção da alteridade bakhtiniana fica em evidência nesses trechos. Todavia, mais do que ressaltar as relações entre “eu” e “outro”, este artigo pretende trazer reflexões textual-discursivas acerca dos percursos interpretativos de *Mineirinho*, combinando aspectos ligados (i)

à coesão referencial (com ênfase nas referências de pessoa) e (ii) ao gênero textual (crônica/conto). Para tal, nossa base teórico-metodológica vem de um diálogo que buscaremos estabelecer entre a Análise do Discurso (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2004; BAKHTIN, 2014, 2011) e a Linguística Textual (KOCH; ELIAS, 2006; KOCH; TRAVAGLIA, 1989; MARCUSCHI, 2010; MASSINI-CAGLIARI, 2001; BENTES, 2007). A análise pautada nos dois aspectos supracitados se justifica pelo fato de esses estarem imbricados e contribuírem, em conjunto, para uma compreensão que pode ir além do nível do fio linguístico, como veremos ao longo deste trabalho.

Nesse sentido, nosso objetivo é, com “Mineirinho”, destacar caminhos interpretativos que se produzem dependendo da presença ou ausência de um prévio conhecimento sobre o contexto de produção de um texto. É, então, nessa linha que nos indagamos: como identificar o que no texto constitui uma referência endofórica e o que, em consequência de um conhecimento prévio do contexto de produção, faz dessa referência uma intertextualidade implícita aos moldes da Linguística Textual ou um discurso dialógico aos da Análise do Discurso?

Há indagações que ainda precisam ser feitas sobre o fenômeno da interpretação de um texto, tomado por nós como um processo que pode ir além de um percurso gerativo de sentido dado exclusivamente no interior do texto, como se vê, geralmente, na semiótica greimasiana de cunho mais tradicional. Por conseguinte, os aspectos trabalhados no interior do texto de Clarice (em especial, a referência de pessoa e o gênero textual que o materializa) também podem ser lidos de diferentes modos se levado ou não em conta o contexto de produção de “Mineirinho”.

Dividimos este artigo do seguinte modo: na primeira seção, trazemos nossas reflexões acerca da coesão referencial e, na segunda, acerca do(s) gênero(s) que permeiam *Mineirinho*. Os dois aspectos culminam em uma discussão que pressupõe que, não levar em conta o contexto de produção reveste a interpretação global do texto, bem como as categorias linguísticas que o permeiam de maior abstração; enquanto a recuperação do contexto em que emergiu o texto torna a interpretação, em seus diferentes níveis, mais concreta. Na terceira seção, apresentamos o motivo das diferentes classificações: o reconhecimento do diálogo com o já dito, com o contexto. Para tal problemática, trazemos na quarta parte desse artigo os debates na óptica de Jacqueline Authier-Revuz, no que se refere à heterogeneidade dos discursos. Em seguida, seguimos para as considerações finais.

COESÃO REFERENCIAL: DO MAIS CONCRETO PARA O MAIS ABSTRATO

Tomamos como fontes de análise alguns dos mais importantes jornais da cidade do Rio de Janeiro à época de tal acontecimento (Cf. WEGUELIN, [s.d]): o *Correio da Manhã*, o *Diário Carioca*, o *Diário de Notícias*, o *Jornal do Brasil* e *O Dia*, datados do dia 29 e 30 de abril – dias em que os policiais travaram embates e tiroteios com Mineirinho e seus comparsas – e do dia 1º de maio, em que ocorreu a emboscada e a morte deste. Para este artigo, o debate se concentrará em trechos presentes na notícia do jornal *Correio da Manhã*.

Descrevemos alguns procedimentos de coesão referencial na notícia, procurando explicitar formas remissivas não referenciais e referenciais na retomada do nome de Mineirinho. Observemos o trecho a seguir:

Não foi a justiça quem decretou a morte *do mais temível assaltante do Rio de Janeiro*, conhecido pela alcunha de ‘Mineirinho’. Ele próprio a procurou, desafiando a tranquilidade pública e um aparelhamento policial cujas metralhadoras sabia não lhe dariam trégua. Carregando 104 anos de prisão, *o facínora* ainda brincou pelas ruas e favelas da cidade durante dias, assaltando e baleando – que estas eram sua razão de viver. [...] A versão diz que o *marginal* fôra apanhado de surpresa, mas que, rápido, atirou-se ao solo, sob um ônibus estacionado, e tentou ainda reagir. Uma nova rajada de metralhadora acabou com *o assaltante* (*Correio da Manhã*, 1 de maio de 1962, grifos nossos. In: WEGUELIN, [s.d]).

Para Massini-Cagliari (2001, p. 38), a coesão referencial se dá por “todos aqueles elementos do texto que fazem *referência* a outros elementos do texto”, como, por exemplo, quando o jornal *Correio da Manhã* (1º de maio de 1962) começa sua notícia, via catáfora, fornecendo uma identidade ao sujeito – “o mais temível assaltante do Rio de Janeiro” -, seguida da especificação desse temível assaltante – Mineirinho. Posteriormente, há uma referenciação atributivo-predicativa observada pelos usos de “facínora”, “o marginal” e “o assaltante”.

Isto posto, podemos compreender que os processos de coesão, ao mesmo tempo em que retomam em níveis textuais para referenciar algo/alguém antecedido, também demonstram um posicionamento ideológico do jornal, já que esse se lança para um movimento de sequenciação textual, em que autor do texto jornalístico faz suas escolhas dentro do eixo paradigmático (SAUSSURE, 2013 [1970]).

Alguns autores têm dividido a coesão referencial em duas classificações. Para Massini-Cagliari (2001): “a coesão referencial pode ser efetuada por meio de formas remissivas não-

referenciais livres e presas e formas remissivas referenciais” (KOCH *apud* MASSINI-CAGLIARI, 2001, p. 40). Percebe-se que, no primeiro caso citado, a presença de formas remissivas referenciais é marcada por meio de uma

indicação a nível da referência [...] formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma “categorização” das instruções de sentido de partes antecedentes do texto e formas referenciais em que as instruções de sentido do lexema constituem uma “classificação” de partes anteriores ou seguintes do texto no nível metalinguístico (KOCH *apud* MASSINI-CAGLIARI, 2001, p. 41).

Ou seja, a “troca”, aparentemente nada involuntária, de “Mineirinho” por termos como “o facínora” e “o marginal” demonstram que a referência ocorre sem precisar substituir todo o termo citado no começo por um pronome, numeral etc., mas por um termo que demonstra uma expressão quase sinônima, não em níveis estruturais da língua, mas, para o jornal, em níveis ideológicos, ou seja, *supratextuais*, reforçando a identidade atribuída a Mineirinho.

No que se refere ao texto de Clarice Lispector, termos tão pejorativos quanto os encontrados nos jornais estão presentes. Todavia, de maneira ressignificada, como buscaremos confirmar nos trechos a seguir:

É, suponho que é em mim, como um dos representantes do nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um *facínora*. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram *Mineirinho* do que os seus crimes (LISPECTOR, [s.d., n.p.]).

Nesse trecho, Clarice nos apresenta Mineirinho fazendo uma referência de forma remissiva ao termo *facínora*, de modo que temos, antes de qualquer coisa, a predicação daquele que pode ser visto ora como um ser real (portanto mais concreto) de quem se fala, ora como personagem fictício criado pela autora (portanto mais abstrato), ou como a junção das duas coisas, em que discurso da vida e da arte se indissociam - o que será detalhado posteriormente.

O que vale dizer agora é que, como visto acima, o jornal Correio da Manhã também fez uso do mesmo termo (*facínora*), porém indagações como “Quem não sabe que *Mineirinho* era criminoso? Mas tenho certeza de que *ele* se salvou e já entrou no céu” acabam por deslocar a escolha lexical “*facínora*” feita por Clarice a outro nível: ao da ironia ou, ao menos, ao da negação daquilo que os jornais da época noticiavam celebrando a morte de Mineirinho.

Além das escolhas lexicais propriamente ditas, também podemos ver a movimentação do mais concreto para o mais abstrato em outros níveis do texto, como na “repetição” da combinação de um mesmo morfema gramatical com um mesmo morfema lexical (“um homem”), cuja referência do sintagma nominal (doravante SN) é distinta a depender do arranjo linguístico, como podemos observar no trecho que se segue:

[...] Até que viesse uma justiça um pouco mais doída. Uma que levasse em conta que todos temos que falar por *um homem* que se desesperou porque neste a fala humana já falhou, *ele* já é tão mudo que só o bruto grito desarticulado serve de sinalização. Uma justiça prévia que se lembrasse de que nossa grande luta é a do medo, e que *um homem* que mata muito é porque teve muito medo (LISPECTOR, [s.d., n.p.], grifos nossos).

Esse exemplo de marca linguística nos coloca frente, primeiramente, a uma questão ligada à tipologia de indefinidade atribuída pela Gramática tradicional, pois há um recurso interessante que destoa do entendimento clássico da Gramática tradicional acerca da função do artigo indefinido. No primeiro caso de “um homem”, percebe-se que a autora fala especificamente de Mineirinho, sendo ratificado depois pelo uso do pronome “ele”, que define e determina o sujeito antes referenciado. Por outro lado, o segundo uso do artigo indefinido “um” seguido de “homem” traz à tona a referência a qualquer ser humano, a qualquer homem. Assim, embora tenhamos formalmente duas vezes o mesmo SN nesse parágrafo, observamos nesse segundo “um homem” o sujeito com uma referência genérica, portando indeterminada e mais abstrata, menos concreta que o primeiro “um homem”.

Tal percurso interpretativo vai do mais particular para o mais geral na medida em que reconhecemos (ou não) o diálogo estabelecido com os jornais da época e com o próprio caso verídico da morte de Mineirinho. Assim, escolhas lexicais utilizadas para fazer referência ao personagem, no texto de Clarice, caminham do objetivo ao mais subjetivo. Algo análogo se dá com o gênero textual que reveste “Mineirinho”, como veremos a seguir.

Há, aqui, uma crítica sobre a importância dos cenários do acontecimento textual – e também discursivo – para a compreensão do funcionamento e estruturação de marcas linguísticas. Enunciar é estabilizar expressivamente valores. Dessa forma, podemos investigar pontos de referência e certos valores que sujeitos expressam por meio das vozes que nos chegam.

GÊNERO TEXTUAL: O REVESTIMENTO SOCIOPRAGMÁTICO

“Mineirinho” foi publicado como uma crônica nos jornais cariocas de 1962, como já relatamos, mas também pode ser compreendido como um conto, devido ao seu conteúdo, estilo e composição textual característicos (BAKHTIN, 2011).

A diferença entre os dois gêneros reside principalmente na esfera de circulação e na função de cada um. Ambos os gêneros – crônica e conto – possuem uma preocupação estética. Entretanto, enquanto a crônica tradicionalmente circula em veículos de imprensa e é produzida com uma finalidade utilitária, mais objetiva (embora faça muitas vezes uso de um discurso subjetivo) por se referir a fatos do “cotidiano verídico”, o conto, por sua vez, dificilmente circula em jornais ou revistas e tampouco tem uma função utilitária. Esse último se afasta do compromisso com realidade do cotidiano e se aproxima de outros planos de concretização da expressividade por meio do ato artístico.

Contudo, os limites entre os dois gêneros parecem não ter muita valia quando se trata de grandes escritores, como é o caso de Clarice Lispector. Acreditamos que seja primeiramente por isso que a classificação de “Mineirinho” quanto ao gênero textual a que pertence varia entre crônica e conto. Poderíamos trabalhar com a ideia de intergenericidade, em que o texto assume a forma de um gênero e a função de outro, mas quais formas e quais funções do conto e da crônica estão presentes neste texto de Clarice?

Atualmente, preferimos tratar o texto de Clarice como um gênero híbrido que pode ser lido tanto como um conto quanto como uma crônica a depender do tipo de leitura e do percurso interpretativo que se faz. Marcuschi (2010, p.20) nos ensina que

os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas.

Pensando nesses condicionamentos sociopragmáticos dos gêneros, passamos a considerar que, se, atualmente, deixarmos de lado um certo contexto histórico de produção, leremos o texto de Clarice como um conto em que uma *narradora* traz indagações sobre a forma como alguns policiais mataram o Mineirinho, todos personagens fictícios que

funcionam como arquétipos em nossa sociedade atual. Contudo, se levarmos em conta o contexto de produção do texto, em 1962, este será classificado como uma crônica que aborda a forma como policiais mataram um assaltante da época e que, publicada nos jornais daquele tempo e escrita por Clarice e na voz de Clarice, transpiram as *suas* indagações.

Certamente, a interiorização da realidade, a identificação de questões ligadas à alteridade e a beleza estética que revestem a escrita clariceana podem ser observadas nas duas leituras, mas essas explanações nos ajudam a mostrar as diferenças no percurso de leitura do texto, as quais podem ir do mais subjetivo (conto) para o mais objetivo (crônica); do mais geral (conto) para o mais específico (crônica); de personagens que são mais indeterminados por ter sua referência extralinguística em qualquer pessoa no mundo (conto) para personagens que são reais e que por isso mesmo são mais determinados quanto a sua referência no mundo (crônica).

O RECONHECIMENTO DO DIÁLOGO COM O JÁ-DITO

O diálogo estabelecido com o discurso que circulava nas esferas jornalísticas somente pode ser recuperado se entrarmos em contato com a história real de Mineirinho e, conseqüentemente, com os jornais que noticiaram o ocorrido na época, como pudemos ver. Koch e Elias (2006) explicitam que a intertextualidade pode ser subentendida em dois aspectos: a intertextualidade explícita, quando há a citação da fonte do texto citado; e a intertextualidade implícita, quando não há a citação de forma direta. Neste último caso, cabe ao leitor identificar qual é o texto original que serviu de base para a formulação do intertexto. Assim, “identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para o processo de compreensão e produção de sentido, esse conhecimento é de fundamental importância” (KOCH; ELIAS, 2006, p.78).

Em *Mineirinho*, é possível observar que a intertextualidade é construída de maneira implícita aos moldes da Linguística Textual, uma vez que a autora não faz citação direta dos textos originais jornalísticos que serviram de pano de fundo para sua crítica. Destarte, percebe-se os elementos intertextuais através da leitura de jornais que foram divulgados na época do acontecimento (cf. WEGUELIN, [s.d]).

No processo de referenciação, percebemos um esvaziamento do sentido pejorativo que palavras como “facínora” e “assassino” têm, na medida em que esses deslocamentos semânticos contribuem para a constituição do texto de Clarice como uma crítica ao modo como se deu a morte de Mineirinho e ao modo como essa foi referida pelos jornais da época. De acordo com Koch e Elias (2006), “é importante destacar que a inserção de “velhos” enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos” (p.78)

Assim, embora a qualidade do texto de Clarice não possa, nem deva ser mensurada com base em inferências, é nítido o jogo entre o polo mais particular e o mais global (portanto genérico) a que chegamos dependendo da leitura que fazemos, uma vez que até mesmo a interpretação global do texto culmina nessa matriz de leitura [+ ou – concreto ou + ou - abstrato], como veremos depois.

Detendo-nos apenas no personagem Mineirinho, vemos que um leitor que não recupera o contexto de produção, provavelmente entenderá Mineirinho como um personagem fictício, enquanto um leitor que recupera o contexto, poderá percebê-lo como um homem brasileiro que existiu e que foi morto por policiais. Todavia, a recuperação do contexto não inviabiliza a universalização de Mineirinho, visto que, na realidade brasileira, há inúmeros Mineirinhos espalhados, bem como inúmeras balas disparadas por policiais contra civis todos os dias.

Toda essa trama de dizeres interpretativos que recupera as outras vozes que constituem os sujeitos liga-se ao que o círculo de Bakhtin denomina dialogismo. Como já colocamos, estamos entendendo que a constituição dialógica opera como cerne da constituição do sujeito, inclusive do conhecimento no campo das Ciências Humanas.

Nesse sentido, chegamos à conclusão de que a tensão que se instala no texto de Clarice entre “uma ocorrência policial verídica, o sentido da justiça e as polaridades irreduzíveis do eu e do outro” (ROSENBAUM, 2010) nos ajuda a pensar também nas tensões entre os gêneros crônica (uma ocorrência policial verídica e o sentido de justiça) e conto (polaridades irreduzíveis do eu e do outro) e, conseqüentemente, nas inferências que o leitor precisa fazer para a compreensão da transgressão dos limites desses dois gêneros.

Vale lembrar que uma relação análoga em nível estrutural foi vista acima com o SN “um homem”, em que, no primeiro caso, “um homem” se refere a Mineirinho (personagem real) enquanto no segundo caso, o referente pode ser qualquer homem. Observamos, pois, uma determinação mais genérica no segundo caso.

Assim, a situação “extraverbal” está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica -, de modo que a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Conseqüentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (i) a parte percebida ou realizada em palavras e (ii) a parte presumida.

Podemos chamar de memória discursiva, por exemplo, o histórico de interações sociais dos sujeitos, o trabalho com as diferentes materializações e migrações de gêneros, a escuta polifônica das vozes que povoam os textos.

No ato artístico, a realidade vivida é transportada para um outro plano axiológico. O ato estético opera sobre sistemas de valores constituídos no plano da realidade criando novos valores no plano da arte. Aspectos da vida são trazidos para uma “nova” organização e subordinados a uma nova unidade, condensados em uma imagem contida. O ato criativo envolve, portanto, um processo de transposição da vida para a arte:

O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida (FARACO, 2005, p.39).

Para Bakhtin (1926), a arte é imanentemente social em suas relações. Assim, o discurso artístico ocorre de modo semelhante ao discurso da vida e, por elementos “extraverbais”, encontramos resposta dentro do texto artístico. Dessa forma, entendemos uma interação e também uma inter-relação entre os discursos - vida e arte, realidade e ficção.

UMA CONTRIBUIÇÃO SOBRE AS FORMAS DO DIZER

Reconhecendo o dialogismo como noção constitutiva da linguagem e atribuindo um papel privilegiado à presença de discursos “outros”, isto é, atribuíveis a outra fonte enunciativa, destacamos, nas abordagens enunciativas pós-bakhtinianas, o trabalho desenvolvido por Authier-Revuz (1990) que, partindo da concepção dialógica da linguagem formulada pelo círculo de Bakhtin e da abordagem sobre sujeito e de sua relação com a linguagem formulada por Freud e por Lacan, elabora uma distinção categórica entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva.

Partindo dessas bases teórico-metodológicas, Authier-Revuz (1990, p. 26) propõe “uma descrição da heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. Ainda, segundo Authier-Revuz (1990, p. 32), “heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição de um discurso e a dos processos não menos reais, de representação em um discurso, de sua constituição”. Para a autora, as marcas linguísticas formais de heterogeneidade mostrada podem ser distintas: de um lado, aquelas que mostram o lugar do outro de forma unívoca, tais como discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas; de outro, formas não marcadas em que o outro é dado a ser reconhecido em um texto/discurso sem marcação unívoca, como o discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação etc., como acontece em *Mineirinho*. Quanto à heterogeneidade constitutiva, essa é inerente à linguagem, pois todo discurso se constrói a partir de discursos anteriores com projeções do dizer. Sendo assim, há um entendimento de que os discursos são constituídos por diversas vozes não mostradas explicitamente no texto.

Lembramos que um ponto fundante de divergência reflexiva entre os trabalhos da autora e do círculo de Bakhtin é o posicionamento da atividade interpretativa. Authier-Revuz desenvolve discussões acerca da constitutividade dialógica dos discursos – noção essa baseada nos escritos do círculo –, mas, quando desenvolve reflexão sobre a heterogeneidade mostrada, centraliza as práticas no foco de quem se coloca “ativamente” na busca dos sentidos. Todavia, por mais que o termo “mostrada” sugira uma “pista” deixada por um sujeito produtor do discurso que no momento é um já-dito, um enunciado estabilizado, ele, o termo, remete a um sujeito que quer “ver” a questão da mostragem. Entendemos, assim, que a autora privilegia a instância do estável, confrontando-se com as discussões do círculo, que têm como centralidade o devir.

Ainda, segundo Authier-Revuz (2004), partindo das formas mostradas que atribuem ao outro um lugar delimitado no discurso e passando pelo *continuum* das formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se “à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem linguística” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 21). Eis a constatação da realidade da heterogeneidade constitutiva, como indica o próprio termo, em que o discurso do outro é sempre onipresente e, por isso, está presente em toda parte.

Situada neste debate está a reflexão sobre os modos de leitura e os modos de retomada das cenas do “fato” de vida do caso de Mineirinho. Ler *Mineirinho* como crônica, em um dado momento sócio-histórico e/ou ler como conto são práticas que mobilizam certos mecanismos interpretativos que focam/suscitam questões distintas. As maneiras interpretativas de um texto são sempre distintas no que tange à forma de gênero elencado, pois cada um desses, sendo produto-produção de interação com formas “mais ou menos estabilizadas” socialmente, está em contínua composição ao ser (re)tomado pelos sujeitos em suas expressividades.

Se o primeiro contato de um leitor foi com o texto de Clarice e não com o gênero notícia ou então reportagem, a cena narrada via discurso poético pode ser plausivelmente compreendida no mundo da vida pelos dados dos valores culturais: é possível que policiais travem embates e tiroteios com pessoas. Outra questão é que Clarice é de extrema importância na constituição da Literatura Brasileira e, ao se debater seus textos, a relação autor-criador e autor-pessoa se imbricam na tradição crítica pela procura/pelo estudo dos movimentos artísticos da autora. Ou seja, as práticas sociais de como se tratar um texto também influenciam na relação interpretativa dos sujeitos com os dizeres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado ao longo do trabalho, tomamos a construção do sentido do texto, o tempo todo, como um processo que está subjacente à superfície textual, mas que só é possível por meio dela. Ao nos depararmos com um texto como *Mineirinho*, de Clarice Lispector, pudemos pensar percursos distintos de interpretação nos diferentes âmbitos, partindo sempre do mais concreto para o mais abstrato. O conto oferece reflexões que nos inquietam e que vão desde as contingências sociais, como a morte de um marginal por policiais, às subjetividades da alma, como a identificação do outro em si mesmo e o mal-estar que isso produz. Tudo isso é, claro, identificado no singular trabalho estético que Clarice realiza com seu texto.

No processo de referenciação, vimos que as estruturas lexicais incutem juízos de valores por parte dos jornais e, quando retomadas por Clarice, por meio do que chamamos de “intertextualidade implícita”, parecem ter seu sentido afetado e, por vezes, exauridos de seus significados pejorativos. Entretanto, o leitor só se daria conta disso se observasse as muitas vozes (polifonia) presentes no texto de Clarice que interagem de formas distintas com os textos pré-existentes (dialogismo), os quais noticiavam a morte de Mineirinho.

Contudo, não podemos dizer que se o leitor não reconhecer os elementos do texto retomado, não será capaz de compreendê-lo. Compartilhamos da ideia de Bentes (2007) que diz que “se o leitor não fizer o reconhecimento do texto-fonte e/ou não conseguir perceber os motivos de sua representação, provavelmente vai encará-lo como um evento novo, atribuindo-lhe, assim, o sentido global possível de ser produzido” (p.271).

Um movimento parecido acontece em relação ao gênero textual, mas de forma mais ampla. Se o leitor não observar o contexto de produção, provavelmente vai encarar o texto como um conto (analogicamente: um evento novo). Se ocorre o contrário e o leitor apreende o contexto de produção, ele vai tê-lo como uma crônica (analogicamente: um evento dado). No âmbito dessas reflexões encontram-se as peculiaridades que cada leitura propicia, como já mencionado anteriormente e, principalmente, a profundidade e a importância do tratamento dos textos em seu contexto de produção.

É também importante ressaltarmos um outro ponto de vista, a fim de confrontarmos pensamentos e também trazer uma outra linha de compreensão sobre a produção de textos. Focalizar os trabalhos a partir do processo interativo exige instaurar um deslocamento: de um lado, a linguagem vista como repertório, tradução de pensamentos prévio, ponto estável, uma linguagem vista no confronto entre o ‘dado’ e ‘novo’, entre o repetível e o singular. De outra parte, é preciso fazer emergir espaços em nós que sustentem/inspirem a disponibilidade estrutural para a mudança, admitindo-se, portanto, a historicidade da linguagem, a constituição contínua dos sujeitos e do espaço das interlocuções discursivas (FERREIRA, 2015).

Viver, nesse sentido, é estar na pluralidade do puro devir, da constante emergência dos jogos entre o dado e o novo, entre o já dito e o vir a ser, entre o ser e o estar sendo. É a instância do acontecimento, a cena da prática, da atualização dos conhecimentos e outras práticas que trazem um acabamento provisório a essa radical variação até que haja outras instabilidades.

O leitor, por sua vez, não é um ser isolado de inter-relações e pode ter disponíveis recursos de caminhos de leituras de um texto dependendo do suporte e da materialidade de onde lê. Podemos ter um cenário de um leitor já ter se deparado com o texto de Clarice e um dia outro se depara com o texto jornalístico sobre o Mineirinho e daí estabelecer conexões. A interpretação sobre uma dificuldade de isso acontecer e sobre a facilidade do contrário (primeiro ter acesso ao texto clariciano e depois o jornalístico) reside nas andanças comuns dos sujeitos frente aos gêneros: o texto jornalístico é fadado a uma datação, arquivado num rol de

notícias sobre o dinâmico mundo da vida. O discurso da arte opera no sentido eternizante, não estático, mas possibilitador de sensibilizações encantatórias de cenas do viver. A heterogeneidade dos discursos caminha, neste debate, para os modos de retomada e de reconhecimento de um já-dito.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Tradução de Cláudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 2014.

BENTES, A.C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.1 – 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

FARACO, C. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin*. Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p.37-60.

FERREIRA, C. E. da S. *O discurso sobre a aula de matemática: articulando vozes na revista Nova Escola*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Unesp, Araraquara-SP. 2015.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos dos textos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

LISPECTOR, C. In: Conto Mineirinho – USP. Disponível em: http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&id=4396:conto-qmineirinhoq-clarice-lispector&Itemid=220&lang=pt. Acesso em fevereiro de 2017.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade in: DIONÍSIO et. al (org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. *O texto na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PLATÃO, S. F., FIORIN, L. J. *Lições de textos: leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

ROSENBAUM, Y. *A ética na literatura: leitura de "Mineirinho"*, de Clarice Lispector. Estudos Avançados vol.24 no.69

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2013.

WEGUELIN, J. M. *O Rio de Janeiro através dos jornais*. S. d. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj45.htm>. Acesso em jan. 2017

SÍLVIA MARIA BRANDÃO

Graduada e Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCLAR/UNESP). Integrante do grupo de estudos de Sociolinguística de Araraquara (SoLAR) e do Projeto de História do Português Paulista (PHPP - Projeto Caípira).

Bolsista Capes. Contato: silviafclar@gmail.com

CARLOS EDUARDO DA SILVA FERREIRA

Doutorando e mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Doutorando também no Programa de Pós-graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática (Pecim) na Unicamp. Graduando em Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática pela Univesp.

Bolsista Capes. Contato: karloseduardoo@yahoo.com.br

Enviado em 15/04/2017.

Aceito em 16/05/2017.